

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CANCIONEIRO DE S. SIMÃO DE NOVAIS. SEGUNDA SÉRIE.

LIMA, Fernando de Castro Pires de

Ano: 1925 | Número: 35

Como citar este documento:

LIMA, Fernando de Castro Pires de, Cancioneiro de S. Simão de Novais. Segunda série. *Revista de Guimarães*, 35 (3) Jul.-Set. 1925, p. 146-153.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CANCIONEIRO
DE
S. SIMÃO DE NOVAIS

(SEGUNDA SÉRIE)

COLIGIDO POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

(Cont. do n.º anterior, pág. 93)

660

Eu hei-de ir à Santa Marta
e rezar-lhe cá de fora,
que me dê um amorzinho
que saiba tocar viola. (1)

662

Eu hei-de ir tomar amores
a S. Tiago da Cruz.
Valha-me Nossa Senhora,
Santo Nome de Jesus!

664

Eu hei-de subir ao alto,
que eu do alto vejo tudo :
também vejo o meu amor,
que anda em Braga no estudo.

661

Eu hei-de ir, eu hei-de vir,
falas te não hei-de dar :
hei-de tã fazer moer
como o navio no mar.

663

Eu hei-de subir ao alto,
ao mais alto que eu puder,
ao derradeiro caninho
que a oliveira tiver.

665

Eu hei-de tomar amores
no lugar da Aldeia Nova :
há-de ser à quarta-feira,
quando for p'ra Vila Nova.

(1) *Variante :*

Eu hei-de ir à Santa Marta,
e hei-de rezar de fora,
que me dê um amorzinho
que saiba tocar viola.

Cf. 265, 268.

Variante de 113 :

.....
deixa viver as viúvas!

666

Eu já fui ao teu pomar
e mais ao teu pomarzinho:
eu já comi do teu pão
e já bebi do teu vinho.

668

Eu já sei que me não amas,
eu já sei que me não queres:
por minha infelicidade,
já sei o que são mulheres...

670

Eu não posso ir p'ra a cama,
tenho muito que fazer:
a loucinha por lavar,
a cozinha por varrer.

672

Eu não tenho pai nem mãe,
nem nesta terra parentes,
sou filha das tristes ervas,
neta das águas correntes. (1)

674

Eu passei à tua porta,
vi o que estavas fazendo:
calei-me, não disse nada;
eu de ti nada pretendo...

676

Eu quero-te tanto bem
como à cinza da barrela:
se a arrumar p'ra um canto,
não faço mais caso dela. (2)

678

Eu sei ler, eu sei 'screver,
dançar e tocar viola;
inda espero aprender
à noite na tua escola...

680

Eu tenho cinco coletes,
todos cinco bem talhados.
Eu tenho cinco amores:
quatro andam enganados...

667

Eu já morri uma vez:
achei a morte tam doce!
Morreria duas ou três
se por tua via fôsse...

669

Eu já sei que me não amas,
nem de mim tens compaixão:
por minha infelicidade
sei o que os homens são.

671

Eu não quero mais amar,
que eu do amor tenho medo:
não me quero arriscar
a pagar a quem não devo...

673

Eu nunca fui ao teu peito,
nem lá quero ir agora:
eu não quero ir botar
quem 'stá dentro cá p'ra fora.

675

Eu quero bem ao cigarro,
muito mais ao fumador,
inda mais à minha sogra,
que é mãe do meu amor...

677

Eu quero-te tanto bem,
da raiz do coração;
só não quero, nem por quanto,
que tu me ponhas a mão.

679

Eu sempre gostei, e gosto,
dum amor ajeitadinho:
o cabelo ondedado,
o chapéu reviradinho.

681

Eu tenho no meu quintal
dois pessegueiros a abrir.
Ninguém sabe o meu intento,
nem o que eu hei-de seguir. (3)

(1) Cf. 117.

(2) Variante de 403.

(3) Cf. 352.

682

Eu tenho quatro amores,
dois de manhã, dois de tarde :
a todos digo que sim,
só a um falo verdade.

684

Eu vou-me daqui embora,
mas tenho meu *arreccio* :
tenho medo de encontrar
no caminho o meu enleio...

686

Eu vou para a romaria,
milagroso S. *Torcate* !
Se o pai me der licença,
A minha mãe não me bate.

688

Eu vou por aqui acima,
como quem não vai a nada,
abanar uma pereira,
que nunca foi abanada...

690

Fiz a cama na calçada,
a travesseira de tojo.
Algum dia me agradaste :
agora metes-me nojo.

692

Fostes ao correr da água,
meu amor, fizeste bem !
Quem vai ao correr da água,
ao correr da *auga* vem.

694

Foste-te gabar, disseste
que me tinhas dado um beijo.
O' maroto ! O' malvado !
Era êsse o teu desejo...

696

Freguesia de Carreira
ao longe parece vila :
tem um cravo na entrada,
uma rosa na saída. (1)

683

Eu venho aqui cantar,
não é p'ra mim, que já tenho :
venho fazer um pedido,
satisfazer meu empenho.

685

Eu vou-me daqui embora
para a terra do *assucré* ;
já nesta terra não tenho
quem comigo se ocupe.

687

Eu vou para a romaria,
quem me quer acompanhar ?
Acompanha o meu amor,
que p'ra mim quer falar.

689

Eu vou por aqui acima,
Todo o mundo me quer bem ;
só a mãe do meu amor
não sei que raiva me tem !

691

Foste dizer ao meu pai
que eu andava coradinha :
os anjos do céu me levem,
se esta côr não era a minha...

693

Foste-te gabar ao Pôrto
que me tinhas dado um cravo :
eu tinha-te dado um lenço,
que mais me tinha custado.

695

Freg'sia de Santa Vaia !
Hei-de te mandar dourar
de pedrinha em pedrinha
p'ra o meu amor passear...

697

Freguesia de Landim,
pedra onde me eu assentava :
adeus, ó meu amorzinho,
isto por tempo acaba !

(1) Cf. 249 e cantiga galega do mesmo número.

698

Freguesia de Mouquim,
p'ra cima, p'ra baixo não :
tenho lá um rapazinho,
inda me há-de vir à mão. . .

700

Fui à fonte das três bicas,
encontrei uns namorados :
enchi-lhe o cant'ro de rosas,
fiz-lhe a rodilha de cravos. (1)

702

Fui à fonte p'ra ver Ana,
estava o meu primo com ela.
Adeus, primo! Adeus, Ana!
Não vos quero fazer guerra...

704

Fui ao mar p'ra ver as ondas,
ao jardim p'ra ver as flores,
ao Céu p'ra ver as estrêlas,
aqui p'ra ver meus amores!

706

Fui ao S. João a Braga,
fui bater à portaria.
Abri-me a porta, meu santo,
que eu venho da romaria.

708

Fui ao trevo colher trevo,
achei o trevo colhido.
Inda que eu queira, não posso
tomar amores contigo. (2)

710

Graças a Deus para sempre,
já ouvi a tua voz :
pensei que andavas metido
na casca de alguma noz... (3)

712

Hei-de amar a quem me ama,
hei-de querer quem me quer :
hei-de seguir meu intento,
diga o mundo o que disser.

699

Fui à figueira aos figos,
ataquei-me de marmelos :
era uma quinta-feira,
'stava o dono p'ra Barcelos.

701

Fui à fonte p'ra te ver,
ao rio p'ra te falar ;
nem na fonte nem no rio,
nunca te pude encontrar.

703

Fui ao mar caçar um peixe,
cacei uma rapariga :
se eu assim caçara sempre,
arranjava a minha vida.

705

Fui ao S. João a Braga
e vi tudo embandeirado :
tudo isto são bandeiras
que o S. João tem ganhado.

707

Fui ao S. João a Braga,
vi tudo embandeirado :
tudo isto são promessas
que S. João tem ganhado.

709

Fui colher uma *felor*
ao valado duma poça.
Não há rapaz que mereça
o coração duma poça.

711

Hei-de amar a quatro nomes,
que tenho na obrigação :
a Manuel, e a António,
a Francisco, e a João.

713

Hei-de amar o junco verde
enquanto que tem verdura.
Eu falo p'ra quem eu quero,
inda não fiz a 'scritura...

(1) Cf. 358, 359.

(2) Variante de 292.

(3) Variante de 303.

714

Hei-de cantar, hei-de rir,
 hei-de dar falas à toa ;
 nem meu canto, nem meu rir,
 não me tira de eu ser boa.

716

Hei-de cantar, hei-de rir,
 neste nosso Portugal :
 a gatinha é toda boa,
 aqui ninguém me faz mal !

718

Hei-de escrever uma carta
 ao meu amor Manuel ;
 há tinta, não há tinteiro,
 há pêna, não há papel.

720

Hei-de ir apanhar castanhas
 acima dum castanheiro.
 Hei-de amar um amor firme
 que saiba ganhar dinheiro.

722

Hei-de te amar, amar,
 que te tenho prometido ;
 casar contigo não caso,
 tira daí o sentido.

724

Hei-de te amar à semana,
 ao domingo, tenho a quem...
 se te amo, tenho mêdo,
 se te não amo, também... (2)

726

Já fui ao mar de joelhos,
 de joelhos fui ao fundo :
 por tua causa, menina,
 já fui ao cabo do mundo.

728

Já lá vai o sol abaixo,
 metido numa parede.
 Já lá vai o brio todo
 das moças de Vila Verde.

715

Hei-de cantar, hei-de rir,
 hei-de rir, hei-de cantar ;
 a mim ninguém me morreu,
 não tenho por quem chorar...

717

Hei-de colher o absinto,
 hei-de o pôr a secar.
 Hei-de ver o meu amor,
 se me torna a procurar.

719

Hei-de ir ao Senhor do Monte,
 ao Senhor do Monte hei-de ir :
 quem vai ao Senhor do Monte,
 vai ao Céu e torna a vir. (1)

721

Hei-de te amar, amar,
 hei-de te vir a querer ;
 hei-de te tirar de casa,
 sem teu pai nem mãe saber.

723

Hei-de te amar às avessas,
 que tu não mereces mais :
 vai amar a quem tu deste
 as tuas falas leais.

725

Hei-de vestir-me de luto,
 daquele mais denegrido ;
 a mim ninguém me morreu :
 boto dó por quem 'stá vivo...

727

Já lá vai o sol abaixo,
 metido num burquinho.
 Já lá vai o brio todo
 das moças de S. Martinho. (3)

729

Já lá vai o sol abaixo,
 metido num pucarinho.
 Já lá vai o brio todo
 das moças de Vilarinho.

(1) Cf. 82.
 (2) Cf. 61.
 (3) Cf. 344.

730

Já lá vai o sol abaixo,
metido numa viola.
Já lá vai o brio todo
das moças de Vila Nova.

732

Já morri e me enterrei
debaixo das pedras frias ;
tornei a ressuscitar
co'as tuas ave-marias...

734

Janelas do Hospital,
botai bandeiras de luto,
que morreu a Laurindinha !
Tenho p'na e choro muito...

736

J'ão Franco veio ao Pôrto ;
vinha muito asseado :
calcinhas de pano cru,
casaquinha de riscado.

738

Já te rezei pela alma,
ó rainha das *felores* !
Mas tu inda não morreste,
lá o tens p'ra quando fores...

740

Joaquim é pano fino,
todo picado de traça ;
todo o mundo me aborrece,
só a *Manel* acho graça...

742

Laranjeira de pé de oiro,
deita laranjas de prata.
Tomar amores não custa,
deixá-los é o que mata.

743

Anda na marinha,
vai ser marinheiro ;
hei-de perguntar
ao Paiva Couceiro.

744

Levantaste-me uma fama,
mas olha que ela não pega :
auga clara não se turva,
inda que bulas com ela...

731

Já lá vai o sol abaixo,
metido num violão.
Já lá vai o brio todo
das moças de Requião.

733

Já morri, já me enterrei
debaixo de dois torrões ;
tornei a ressuscitar
pelas tuas orações.

735

J'ão Franco veio ao Pôrto
de botinhas amarelas ;
vai-te embora, João Franco,
senão tu ficas sem elas...

737

Já te quis o bem na vida,
logo te foste gabar :
pela bôca morre o peixe ;
quem te manda a ti falar ?

739

Já vi dançar a tirana
na praça a vender toucinho ;
de contrapeso botar
as asas dum passarinho.

741

Lá p'ra domingo que vem
vão-se ler os meus pregões :
hoje estou *arresolvida*...
Leve a maleita as paixões!

743

Lá vai a Laurinha,
vai tam lavadinha...
Vai ver o namôro,
que anda na marinha.

743

O Paiva Couceiro
é um grande ladrão,
que nos quer roubar
a nossa nação.

745

Limoeiro da calçada
já não pode dar limões,
que lhe caíram as fôlhas
p'ra render os corações.

746

Lindo cravo, linda rosa,
linda flor do meu jardim!
As falas que dás às outras
são desgostos para mim!

748

Loureiro, foste ditoso!
Nasceste ao pé do caminho:
todos passam, vão tirando
ao loureiro um gominho.

750

Mandai-me dizer quem sois,
quero saber a quem amo:
à porta do mercador
se faz o preço ao pano.

752

Mandaste-me segar erva,
lá no campo da amargura?
Se eu fizer uma ferida,
morro e não tenho cura. (2)

754

Manuel é pano fino,
caíu na água, molhou-se;
Valha-me Deus, Manuel,
o nosso bem acabou-se!

756

Manuel, tam lindo moço,
lindo pano de corar!
Eras bem bonito moço,
se te não foras casar...

758

Mariana é baixinha,
traz as saias pela lama;
tanta vez te tenho dito:
Ergue as saias, Mariana!

760

Maria usa de manha,
de manhã, quando se ergue:
lavar a boca com água,
por causa do ar da neve.

747

Lindos olhos tem Maria:
quem me dera assim os meus!
Hei-de os lavar no rio
onde ela lava os seus. (1)

749

Loureiro, verde loureiro!
Loureiro, loureador!
Quem te disse a ti, loureiro,
eu que era o teu amor?

751

Mandaste-me perguntar
se inda era o teu amor:
mandei-te dizer que não,
pelo mesmo portador...

753

Mangerico da janela,
bem te podes ir secando!
Quem te regava morreu,
eu já me estou enfadando...

755

Manuel, tam lindas moças!
Manuel, tam lindas são!
Manuel, quero-te bem
da raiz do coração.

757

Maria, minha Maria,
tu és a minha beleza!
Tu és a minha alegria,
quando eu tenho tristeza! (3)

759

Maria, tu és na terra
o que os anjos no Céu são:
se tu morresses, Maria,
morria meu coração!

761

Mariquinhas, pede, pede!
Eu não tenho que te dar:
darei-te um cachinho de uvas
quando meu pai vindimar.

(1) Cf. 410.

(2) Cf. 87.

(3) Cf. 309, 310.

762

Mariquinhas! Teu pai deu-te,
até podias morrer :
tinhas o caldinho feito,
a cozinha por varrer. (1)

764

Menina do lenço preto,
diga-me quem lhe morreu :
se lhe morreu o amor,
para amor aqui 'stou eu...

766

Menina, não se namore
de homem casado, que é p'rigo :
namore-se com um solteiro,
que possa casar consigo.

768

Menina, que está à janela
olhando para quem passa !
Tem olhinhos de cadela...
Venha comigo à caça !

770

Menina, que vai co'o gado,
leve-me também o meu :
uma vaca, dois tourinhos —
lindo gado tenho eu...

772

Meninas, dançai o vira,
que o vira é coisa boa ;
eu já vi dançar o vira
às meninas de Lisboa.

774

Meu amor, anda-me ver,
da janela ao corredor :
anda ver a triste vida
que aqui leva o teu amor !

763

Menina, anda comigo,
não *arreceies* a fome,
que meu pai tem uma quinta
que sustenta quem não come...

765

Menina do lenço preto,
olhinhos da mesma côr !
Diga ao seu pai que a case,
que eu serci o seu amor.

767

Menina, que leva a vida
sentadinha a escrever !
Faça favor de ensinar :
eu também quero aprender...

769

Menina, que está à janela,
repare que horas são !
São quatro horas e meia,
horas de chegar o pão.

771

Menina, que vai no barco,
tire o pé, que molha a meia !
Vá casar à sua terra,
não case na terra alheia...

773

Menina, venha comigo ;
a roupa deixe-a ficar :
à porta do mercador
roupa não há-de faltar... (2)

775

Meu amor, anda-me ver
ao portelo do lameiro :
o meu pai não 'stá em casa,
ialas não custam dinheiro...

(Continua).

(1) Cf. 350.

(2) Cf. 186.